

179,3 MIL

EM JANEIRO, 8,5 MIL
TRABALHADORES PERDERAM
O EMPREGO. E 3,5 MIL ERAM
SERVIDORES PÚBLICOS

DESEMPREGADOS NO DISTRITO FEDERAL

Flávia Filipini
Da equipe do **Correio**

Antropóloga Marilena Cunha, de 59 anos, passa os dias ansiosa. Desempregada desde janeiro, ela espera os retornos das instituições para as quais mandou seu currículo. Espera preocupada. Ao perder o cargo comissionado como assessora do Espaço Cultural 508 Sul, do GDF, Marilena transferiu a responsabilidade das despesas com a casa para as duas filhas.

“Não pode ser. Recebia o equivalente ao salário das duas juntas. Não podemos viver sem o meu dinheiro”, diz a antropóloga. Sem a renda de R\$ 1.158, a família de Marilena tem dificuldade para pagar o aluguel de um apartamento de dois quartos na Asa Sul e continuar mantendo o mesmo padrão de vida. “Não sei o que vou fazer para viver. Acabou meu dinheiro”, desabafa Marilena, que era funcionária do GDF desde 1986.

Para a Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central (Codeplan) — órgão também do GDF — que pesquisa e avalia o comportamento da taxa de ocupação no Distrito Federal, a demissão de funcionários públicos como Marilena contribuiu muito para o número recorde de desempregados registrado em janeiro no Distrito Federal. Naquele mês, 179,3 mil pessoas estavam procurando emprego. Desde que a Codeplan iniciou as pesquisas nessa área, em 1992, nunca se viu tantas pessoas sem ocupação na capital da República.

Segundo a pesquisa, divulgada ontem, entre dezembro de 1998 e o mês de janeiro, 8,5 mil trabalhadores perderam seus postos de trabalho, o que fez a taxa de desemprego saltar de 19,9% para 20,7% da população economicamente ativa (pessoas em idade e condições de trabalhar). Em janeiro, das 864,1 mil pessoas em condições de trabalhar, 684,8 mil estavam empregadas. Em dezembro, eram 693,3 mil.

A administração pública foi o setor que mais contribuiu para o aumento do desemprego no Distrito Federal: foram dispensados 3,5 mil pessoas desse setor. “É natural que isso aconteça numa mudança de governo, principalmente com os cargos comissionados, que são de confiança”, comentou o secretário de Administração do GDF, Manoel de Andrade, acrescentando que o governo já está repondo essas vagas.

As mulheres foram mais atingidas pelo desemprego em janeiro do que os homens, revelou a pesquisa da Codeplan. Comparado com os números de dezembro, o fechamento de vagas ocupadas por mulheres cresceu 4,4%, enquanto

que a dispensa de trabalhadores homens aumentou 3,4%.

Chefes de família e pessoas com idade acima de 40 anos aparecem na pesquisa como os segmentos da população mais atingidos pelas demissões. Comparando-se janeiro de 1998 e janeiro deste ano, o desemprego cresceu 20,9% entre as pessoas com mais de 40 anos.

O Plano Piloto, Lago Sul e Lago Norte foram as áreas mais atingidas pelo desemprego em 12 meses, terminados em janeiro. Nesse período, o desemprego nessas áreas cresceu 33,8%. Taguatinga, Gama, Sobradinho e Guará estão entre as cidades satélites que registraram a menor taxa de desemprego, com crescimento de 7,9%.

O fechamento de postos de trabalho em janeiro é tradicional por causa das dispensas no comércio, que contrata funcionários temporários em dezembro, quando as vendas aumentam por causa das festas de fim de ano. O que surpreendeu este ano é que a maior parte das demissões não vem dessa área. O comércio demitiu 1,2 mil pessoas — quase três vezes menos que a administração pública. Os serviços (cabeleireiros e limpeza) fecharam 2,8 mil postos de trabalho.

AUMENTO

Segundo coordenadora da pesquisa, Miriam Ferreira, apesar do grande número de demissões em janeiro, a administração pública não pode ser responsabilizada, isoladamente, pela taxa recorde. “A taxa de desemprego vinha crescendo desde outubro do ano passado. É uma consequência da situação econômica do País”, disse.

O presidente da Codeplan, Durval Barbosa Rodrigues, acha que as contratações feitas pelo GDF a partir de fevereiro, substituindo as vagas abertas em janeiro, serão refletidas de forma positiva nas próximas pesquisas. “Com a reposição das vagas e a criação de novos postos de trabalho, vamos contribuir para o aumento da taxa de ocupação no DF.”

Ele reconhece, no entanto, que apenas as contratações governamentais não serão suficientes para segurar a disparada do desemprego. A pesquisa de janeiro, por exemplo, sequer avaliou o impacto da desvalorização do real na taxa de ocupação. “Com certeza, o desemprego vai crescer ainda mais nos próximos meses, no DF e demais estados.”

Rodrigues prevê que os segmentos de comércio e serviços serão os mais atingidos. Hoje, existem no DF cerca de 160 mil comerciários. O setor é um dos mais importantes no mercado de trabalho do DF.

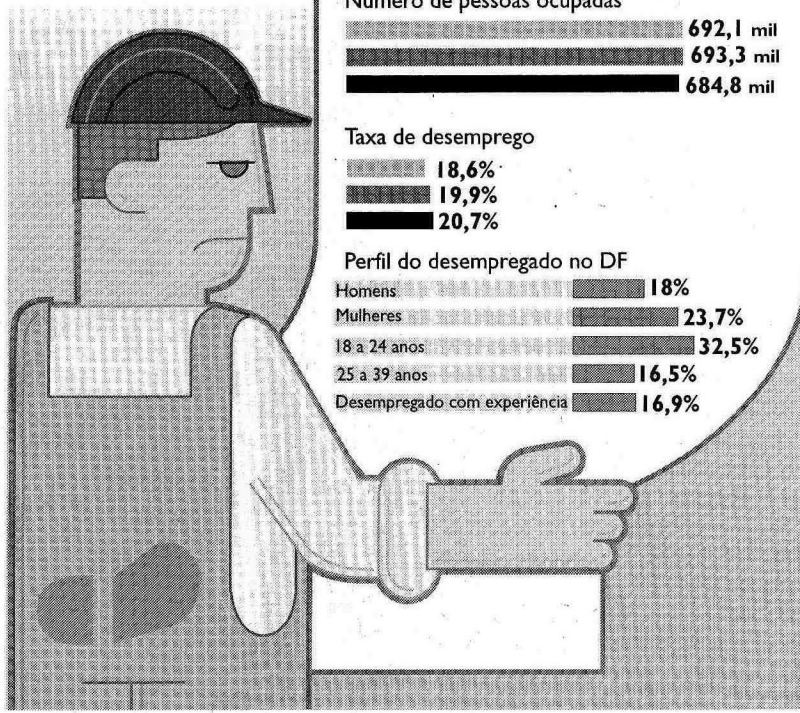
Edson Gés



Marilena, antropóloga e funcionária do GDF desde 1986, que perdeu o emprego em janeiro: “Não sei o que fazer para viver. Acabou meu dinheiro”

DESEMPREGO AVANÇA

Pesquisa da Codeplan mostra que o desemprego no DF cresce mais entre as mulheres



MEMÓRIA

TAXA RECORDE NÃO CONSIDERA QUEDA DO REAL

O ano de 1999 mal começou e esta já é a segunda quebra de recorde de desemprego anunciada pela Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central (Codeplan). No mês passado, o novo presidente da entidade, Durval Barbosa Rodrigues, divulgou os números de dezembro mostrando que a taxa chegara a 19,9%, o índice mais elevado dos últimos dois anos. Era o primeiro sinal.

A taxa de 20,7% registrada em janeiro é a maior desde que a Codeplan começou a fazer esse tipo de pesquisa, há sete anos. E o pior, acredita Rodrigues, ain-

da está por vir, já que a desvalorização de real deve resultar em mais recessão e aumento do desemprego.

Na verdade, o desemprego no DF não bateu esses recordes no ano passado porque as eleições 98 não deixaram. A taxa vinha crescendo desde maio. Saiu de 19,2 para 19,9% em julho (mesmo percentual de dezembro passado) e, segundo a Codeplan, na época, só não ultrapassou os 20% porque muita gente foi planfletar e cuidar da limpeza dos comitês.

As eleições tiraram do desemprego, só em agosto, cerca de 2,4 mil pessoas. A taxa caiu para 19% naquele mês e foi decrescendo até outubro (18,7%). Este ano, sem eleições e com mais recessão, não se espera milagres. “A tendência é de aumento do desemprego”, conclui Rodrigues.